

GALERIA THEATRAL.

JORNAL CRITICO-LITTERARIO.

Publica-se aos Domingos, e Quartas feiras. — As assignaturas fazem-se unicamente na typographia da travessa das Mercês n.º 11.

Assigna-se por anno : 1:000 rs. — Por semestre : 600 — Por trimestre : 300 = Avulso 20 rs.

GALERIA.

THEATRO DE S. CARLOS.

O sr. *Cezar Casella* tocou na Segunda feira neste theatro, e alcançou um completo triumpho. Ninguem pôde tirar mais partido do violoncello; ninguem se pôde persuadir do bello effeito de certas notas do instrumento deste distincto cantor sem o ter ouvido, chega em algumas occasiões a fazer illusão, julga-se que é uma flauta, e não um violoncello, que está a tocar. O publico recebeu o sr. *Casella* com muita benignidade, e o distincto artista mostrou apaixonar-se quando tocava, e unir a sua alma ás melodiosas notas da musica, que tambem era composição sua.

Hoje dá-se novamente a *Norma*, opera tão celebre no theatro lyrico de Lisboa. A sr.ª *Gresti* vae compulsar *Bellini*: será tão feliz como tem sido lendo *Verdi*? O sr. *Baldanza*, e *Benedetti* terão o mesmo successo, a que estão habituados? A *Galeria* espera as provas publicas; e hade fazer o seu juizo com a imparcialidade que se impoz. As recordações da *Mathey*, da *Boccabadati*, da *Rossi Caccia* não devem intimidar os artistas de S Carlos, quando já teem soffrido comparações, e saído victoriosos. A arte não é monopolio de certos nomes, todos a podem cultivar; tendo os dotes da natureza, sincera dedicação, e constante estudo.

THEATRO DE D. MARIA II.

O *Alcaide de Faro* é uma bella composição do sr. *Cascaes*. Drama da mais delicada intimidade, tem ao mesmo passo o merecimento do espectáculo. As mais mimosas cordas do coração são tocadas ao mesmo tempo, em que os melhores feitos d'armas da nossa antiga monarchia se apresentam aos olhos do espectador. O valor dos portu-

guezes anda de mãos dadas com o seu caracter galanteador, e cavalheiresco. Um rei conquistador no meio das suas façanhas encontra um momento para soltar um suspiro pela belleza, que o encadeou.

Os contrastes tambem não faltam, a virtude da constancia ao lado da mais inconsiderada volubilidade, o desejo immoderado da gloria a par da prudente reflexão da profunda philosophia. O amor de pai a lutar com o dever de chefe. O respeito á religião contraposto ao appetite da paixão desenfreada. Tudo no drama do sr. *Cascaes* revela um perfeito conhecimento dos affectos de que é capaz o coração humano, tudo mostra que estes delicados sentimentos foram descriptos na mais apropriada poesia.

E a execução do *Alcaide de Faro*? Os inconvenientes, que se tem attribuido aos dramas de grande espectáculo terão influido nos nossos artistas? Terão por ventura perdido no modo de declamar? Estará abafada a arte dentro dos ouropeis, com que tão *sacrilegamente* a vestiram? O drama do sr. *Cascaes* responde victoriosamente a estes infundados receios pela prosperidade da pura declamação.

Os artistas do theatro D. Maria 2.ª mostram na execução do *Alcaide de Faro* um bem pronunciado progresso. Quem não tem visto com satisfação os sr. *Tasso* na bella exposição, com que abre o 3.º acto? Quem não tem admirado o sr. *Theodorico* no famoso dialogo do 4.º? Quem não tem reconhecido um talento superior no sr. *Epiphania*, especialmente no final do mesmo 4.º acto, aonde são necessarios todos os recursos da arte para poder sobressahir naquellas palavras: *eu tambem. . . tambem não posso*, n'uma occasião, em que o espectador está vivamente caçado da força do mais animado dialogo?

E o sr. *Rosa*, esse artista de tão reconhecido merecimento, perde por ventura alguma cousa na intimidade dos affectos de pae, tão delicadamente expressados no mesmo 4.º acto, pelos representar em uma salla muito ricamente adereçada; e não n'uma cabana miseravelmente construida? Vallerá menos o pae de *Ermizinda*, do que o chefe da familia *Morel*?

E a sr.^a Soller, a mulher cega por um criminoso amor, a donzella transviada pela paixão mais vehemente, não comprehenderá bem o seu papel por estar adornada com um rico estofa, e não trajar vestido de chita?

A imparcialidade por fim ha de confessar. que o espectáculo não faz mal á arte, antes pelo contrario a sustenta.

THEATRO DO GYMNASIO.

A *Emilia Travessa* foi bem aceita do publico. E' uma graciosa comedia digna de vêr-se. Falaremos della mais d'espaço.

THEATRO ESTRANGEIRO.

PARIZ.

Abriu-se o theatro italiano com a opera — *Os Capuletos e Montechioo*. — Angri e Persiani fizeram as partes de Julieta e Romeo; tambem cantaram Flavio e Morelli. Dizia-se que já estava escripturada a famosa Lola Montes! Depois do seu brilhante casamento ainda quererá pisar as taboas do theatro? Na opera reproduziu-se novamente a *Jacarilla* do maestro Marliani, graciosa e apaixonada musica, que os italianos deixam sem razão nenhuma dormir profundo somno nas estantes do editor. (*O Pirata*).

BARCELONA.

THEATRO DO LYCEO.

A *Alzira* é de todas as operas de Verdi a mais infeiz; porém em Barcelona chegou a fazer fanatismo. A sr.^a Gruitz, os srs. Ferri e Roppa são artistas que fazem milagres; e effectivamente fizeram um milagre com a *Alzira*. Gruitz tem na garganta um thesouro, e usa delle admiravelmente. Ferri desempenhava um ingrato papel; mas com a sua bella e interessante *mezza voce* soube tornal-o bonito. Roppa não pôde ser excedido na *Alzira*, tão grande é a sua habilidade. A musica de Verdi produz sempre um magnifico effeito; o caso é saberem interpretar-o bem.

(*Idem.*)

A direcção do theatro hespanhol não adormece depois do triumpho que acaba de conseguir com a representação do *Saul*; antes pelo contrario prepara-se para adquirir outros novos. A lista dos espectaculos que devem ir á scena no mez de Novembro contem nada menos do que cinco peças novas. A *um tempo amor e fortuna*, imitação do theatro francez *Os amantes de Teruel* refundidos por seu auctor e para o que estão já pintadas magnificas decora-

ções. *As flores de D. João* refundicção de Lope, pelo sr. Escosura. *Os tres ramalhetes*, comedia em 1 acto de um de nossos melhores poetas dramaticos, e finalmente a mysteriosa comedia. *Quem é ella?* cuja distribuição de papeis se vae fazer officialmente pela inspecção real do theatro, porque o distincto auctor não se tem querido dar a conhecer, apezar dos repetidos convites que se lhe tem feito pela *Gazeta*. (*Espana.*)

VARIÉDADES.

O ROMANTISMO E OS ROMANTICOS.

[Continuação.]

Em geral todas estas composições *fugitivas* costumavam levar os seus titulos, tão incompreensíveis e vagos como ellas, v. g. *Que será!!! Não!!! Além!* — *Póde ser!* — *Quando?* — *Acaso!* . . . — *Oremus!*

Isto em quanto á forma da composição; em quanto á substancia dos pensamentos não sei o que diga: umas vezes me parecia meu sobrinho grande poeta, e outras doudo varrido; n'algumas occasiões estremecia ao vel-o cantar o suicidio ou discorrer duvidosamente sobre a immortalidade da alma; e outras tinha-o por um sancto pintor do celestial sorriso dos anjos que edificava fazendo ternas apostrophes á mãe de Deus. Não sei ao certo o que elle pensava de tudo isto, porém creio que o mais seguro é que não pensava nada; nem elle mesmo entendia o que queria dizer.

Todavia isto grangeou a final a meu sobrinho a admiração d'uma turba de aprendizes do delirio, que o escutavam enternecidos, quando elle com voz monotona e sepulchral lhes recitava qualquer das suas composições, e que sempre o applaudiam naquelles rasgos mais extravagantes e escuros, e tiravam copias nada escrupulosas, e as aprendiam de cór, e logo se esforçavam por imital-as, e só acertavam em imitar os defeitos, e de nenhum modo as bellezas originaes que podiam recommendal-as.

Todos estes encomios e adulações de amizade lisongeavam mui pouco o altivo desejo de meu sobrinho, que era nada menos que attrahir a si a attenção e o enthusiasmo de toda a terra. E convencido de que para chegar ao templo da immortalidade (partindo de Madrid) é indispensavel passar pela rua do Principe, quero dizer compôr uma obra para o theatro, reuniu todas as forças intellectuaes, chamou a concurso a sua fatidica estrella, as suas recordações, as suas leituras; evocou as sombras da morte para inquiril-as sobre diferentes pontos; martyrisou as historias e tragou o pó dos archivos; interpellou a escandecida musa, pairando com ella na região aerea, onde se formam as tormentas romanticas: e olhando lá d'aquella altura para esta sociedade terrena, redusida pela distancia a pequenez microscopica, applicando ao olho

esquerdo o oculo romantico, que a tudo dá nova fórma, inflamou-se-lhe por fim o estro phosphorico e compoz um drama.

Valha-me Deus! com que prazer faria eu aos meus leitores o maior dos mimos possiveis, dando-lhes *in integrum* esta composição sublime, pratica explicação do systema romantico, em que, segundo a medicina homeopathica, se intenta á força de crimes corrigir o proprio crime! Mas nem a sorte, nem meu sobrinho me fizeram possuidor daquelle thesouro, e unicamente a memoria, depositaria infiel de segredos, conservou na minha imaginação o titulo e personagem do drama. Eil-os aqui:

Ella!!!... e... Elle!!!...

Drama romantico natural, emblematico-sublime, anonymo, synonymo, tetrico e espasmodico; original, em differentes prosas e versos, em seis actos e quatorze quadros. Por... (aqui estava uma nota que dizia: «Quando o publico peça o nome do author), e seguia mais abaixo:

Seculos IV e V. A scena passa-se em toda a Europa e dura perto de cem annos.

INTERLOCUTORES.

A mulher (todas as mulheres, toda a mulher.)

O marido (todos os maridos.)

Um homem selvagem (o amante.)

O duque de Veneza.

O tyranno de Syracusa.

O donzel.

O archiduque d'Austria.

Um espia.

Um valido.

Um carrasco.

Um boticario.

A quadrupeda alliança.

O termo do bairro.

Coro de freiras carmelitas.

Coro de padres agonisantes.

Um homem do povo.

Um povo de homens,

Um espectro que falla.

Outro idem que agarra.

Uma irmã da charidade.

Um judeu.

Quatro coveiros.

Musicos e dançarinos.

Comparsas de tropa, bravas lavadeiras.

Ciganos, frades, e gente ordinaria.

Os titulos das jornadas (porque cada uma levava o seu á maneira de codigo) eram, se mal me não recordo, os seguintes: 1.^a *Um crime*. — 2.^a *O veneno*. — 3.^a *Já é tarde*. — 4.^a *O pantheon*. — 5.^a *Ella!!* — 6.^a *Elle!* e as vistas eram as seis obrigadas em todos os dramas romanticos, a saber: *sala de baille*; *bosque*; *a capella*; *um subterraneo*; *a alcova*; *o cemiterio*.

Com tão bons elementos, elaborou meu sobrinho a sua admiravel composição, em termos que, se me lembrasse uma só scena para a imprimir aqui, perigava o systema nervoso dos meus leitores. Por tanto não ha remedio senão deixar ficar o que es-

tá, e esperar que chegue dia em que a fama no-las transmitta em toda a sua integridade, dia que elle espaçava, aguardando que as massas (as massas somos nós outros) se achassem (cu nos achassemos) aptos para digirirem esta comida, a que elle modestamente chamava um pouco forte.

Desta maneira caminhava meu sobrinho á immortalidade pela vereda da morte; quero dizer que á custa de taes fadigas cumpria o que elle chamava a *sua missão sobre a terra*. Mas a continuação das vigílias, e o obstinado combate de sentimentos tão hyperbolicos, tinham-o reduzido a uma situação tão lastimosa de cerebro, que eu todos os dias receava achal-o consumido pela chama do seu fogo celestial.

E acontece que, para acabar de lhe varrer o pouco juizo que tinha, vio uma tarde, por entre os mal lavrados ferros do seu balcão a certa donzella de dezoito annos, mais pallida que uma noite de lua, e mais mortíça que a alampada sepuchral; com os longos cabellos estancados á venesiana; mangas á Maria Tudor, alvissimo vestido aerio á Estrangeira, cinta á Esmeralda, e cruz de ouro ao pescoço á Orphã de Underlad.

Achava-se então mediatubunda, com os olhos levantados para o ceu, a mão direita na descordada face, e sustentando debilmente na esquerda um livro aberto: livro que, pela capa amarella, pelo tamanho e outros signaes, não podia ser outro, no meu entender, senão o *Han de Islandia* ou o *Bug-Jargal*.

Não foi preciso mais para que a faisca electrico-romantica atravessasse instantemente a rua e passasse da janella da donzella sentimental para a outra fronteira onde se achava meu sobrinho, e veiu inflamar-lhe subitamente o coração. Olharam-se pois; julgaram adivinhar-se; logo se fallaram e concluíram por não se entenderem, isto é, entregar-se áquelle sentimento vago, ideal, phantastico, phrenetico, que não sei bem como o designe, se não me valer da sabida qualificação de romantismo puro.

O sujeito em questão era meu sobrinho, e o bello objecto dos seus transportes era, uma menina, filha de um honrado visinho meu; procurador do numero, e classico dos quatro costados. A mim não me desagradou que o rapaz se inclinasse á rapariga (com tanto que fosse para bom fim) e com o desejo tambem de o distrahir das suas melancolicas tarefas não só o introduzi na casa, mas favoreci (Deos m'o perdoe) quanto foi possivel o desenvolvimento da sua inclinação.

Lisongeava-me, pois, com a idea d'um desenlace natural e espontaneo, sabendo que toda a familia da menina propagava dos meus sentimentos, quando uma noite fiquei assombrado pela volta repentina de meu sobrinho que no estado mais descomposto e atroz correu a encerrar-se no seu quarto gritando desaforadamente: — *Assassino!*... *Fatalidade!*... *Maldição!*...

— Que diabo é isto? — Corro ao quarto do rapaz; porém tinha-se fechado por dentro e não responde; vôo a casa do visinho para vêr se con-

sigo averiguar a causa daquella desordem, e encontro em outra, não menos terrivel, toda a familia: a rapariga desmaiada e convulsa, a mãe a chorar, o pai fóra de si. — Que é isto, senhores? que aconteceu? — Que ha de ser? (me tortou o bom do homem) que ha de ser? senão o demonio em pessoa se introduziu em minha casa com o seu sobrinho. . . Leia v. m., leia v. m. que projectos são os seus, que idéas de amor e de religião. . . e entregou-me uns papeis que provavelmente tinha apanhado aos amantes. — Corri-os pelos olhos de repente, e achei diversas composições destas de tumba e cutello, que eu estava tão costumado a ouvir a meu sobrinho. Em todas ellas vinha a dizer á sua amante, com a maior ternura, que era preciso que morressem para serem felizes; que se matasse ella, e logo elle iria espargir flores sobre a sua sepultura, e depois morreria tambem, e os enterrariam debaixo da mesma lousa. . . Outras vezes propunha-lhe que para fugir á tyrannia do homem (este homem sou eu «dizia o pobre procurador) se evadissem com elle para os bosques ou palmares, e que iriam para uma caverna viver com as feras, ou se fariam piratas ou bandoleiros, n'umas occasiões suppunha já defuncta, e cantava-lhe o responso em bellissimas quintilhas e coplas de pé quebrado; outras cobria de maldições por lhe ter feito provar o veneno do amor. — E por fim (acrescentava o pai) nada de casamento, e nada de procurar um emprego para o sustentar. . . Veja v. m., veja v. m.; por ahi ha de estar. . . Oíça v. m. como se explica neste ponto. . . que lhe diz o que tem de esperar d'elle.

E em tão fero captiveiro.
Só póde dar-te minh'alma
Um suspiro. . . e uma palma. . .
Uma tumba. . . e uma cruz. . .

Pois certamente que são clausulas para encher uma escriptura de dote. . . não, senão deite-os v. m. na panella e verá que caldo sahe. . . E não é isto o peor, continuava o bom homem) o peor é que a rapariga já está tão louca como elle, e já falla em feretros e em momentos, e diz que está desfolhada, e que é um tronco crocomido, com outras mil barbaridades, que não sei como não a mato. . . e para mais ajuda assusta-nos todas as noites, acordando espavorida e correndo toda a casa, dizendo que a persegue a sombra de não sei que Astolfo ou Ingolfo exterminador, e chama tyrannos, a sua mãe e a mim, e diz que tem guardado um veneno, não sei bem se para si ou para nós; e entretanto as camisas não se cosem, e a casa não se varre; e os malditos livros levam-me todo o mais cabedal.

— Socegue vmc. senhor D. Anacleto, socegue vmc. — E chamando-o de perto lhe fiz uma explicação do character de meu sobrinho, compondo o negocio de maneira que se não o convenci de que podia casar sua filha com um tigre, pelo menos o determinei o casal-a com um doido.

(Continuar-se ha.)

Erratas ao numero 11 da Galeria.

Pag. 2.ª linh. 38 onde se lê — apparece no 2.º em o acto carcere — lêa-se — apparece no 2.º acto em o carcere.

Pag. 3.ª linh. 20 onde se lê — continuado — lêa-se continuado.

Pag. 4.ª linh. 4 onde se lê — adminiculas — lêa-se — adminiculos.

ANNUNCIOS.

COLD-CREME.

Este creme amacia a cutis, conserva-lhe a cor natural com toda a flexibilidade e brilho, preserva do cieiro nos beiços e nariz, e da inflammação das palpebras, prevenindo contra as nocivas variações da temperatura as partes mais delicadas do corpo expostas ao ar. Tem a preciosa vantagem de impedir as sardas e manchas do rosto, bem como as que se manifestam frequentemente nas senhoras gravidas. O uso deste creme por algum tempo desfaz as manchas ou nodoas inveteradas.

Para homens é tambem excellente, porque desvanece o ardor causado pelas navalhas de barbear.

Preço 240 rs. = Deposito em casa de Mr. Baron, cabelleireiro ao Chiado n.º 40 — 1.º andar.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE S. CARLOS.

Quarta feira 28 de Novembro, opera = *Norma* = dança annunciar-se-ha.

THEATRO DE D. MARIA II.

Quinta feira 29 do corrente, irá á scena com todo o seu apparatus o drama de grande espectáculo, original portuguez em 5 actos = *O Alcaide de Faro* = O vestuario foi todo reformado de novo e os bailados são novos de invenção e composição do sr. Marsigliani. Os bailados vão com maior numero de segundas bailarinas, tendo um delles um sólo de 1.ª bailarina pela sr.ª Emilia Marsigliani. — A comedia em 1 acto — *A Mulher de dois Maridos*.

THEATRO DE D. FERNANDO.

Situado no largo de Santa Justa.

Quinta feira 29, de Novembro, a 5.ª representação do drama em 5 actos de Rosier = *O Castello de Montlouwier*. — Traducção do sr. J. B. Ferreira — A Epoca é no reinado de Carlos 7.º

As scenas do 2.º e 5.º actos são novas e pintadas pelos srs. Rambois e Cinati.

Pede-se a todos os srs. que tiverem a bondade de mandar inscrever o seu nome na lista dos camarotes tenham o incommodo de mandar buscar a chave até á 1 hora da tarde do dia do espectáculo; do contrario a empreza fica authorisada para dispôr do camarote, salvo se estiver pago.

THEATRO DO GYMNASIO.

Quinta feira 29 = *Emilia Travessa*. = *Um Tutor de 20 annos*. = *A Porta da Rua*. = *Guardado está o bocado para quem o ha de comer.*